

A Visitante da Janela

Capítulo 1: A Nova Morada e a Primeira Sombra

Laura assinou os papéis da velha casa com um misto de alívio e excitação. Afastada da cidade, aninhada entre árvores antigas e um jardim que prometia mais trabalho do que lazer, era o refúgio perfeito. Ali, o silêncio seria seu companheiro e a inspiração, sua hóspede constante para terminar o romance que se arrastava por meses.

A primeira noite desceu com uma tempestade feroz. O vento uivava como um lobo faminto e a chuva açoitava as vidraças do seu pequeno escritório no andar de cima. A única luz vinha do abajur sobre a escrivaninha, criando um círculo íntimo de calor amarelo na imensidão escura do cômodo. Enquanto buscava a palavra certa, seus olhos desviaram-se para a janela, que refletia o interior como um espelho negro. E foi ali, no canto do olho, que o viu – ou pensou ter visto. Um vulto escuro, alto, parado sob a macieira retorcida no limite do jardim encharcado.

Piscou, o coração dando um salto incômodo. Olhou de novo, com mais atenção. Nada. Apenas os galhos esqueléticos da árvore se contorcendo na dança frenética da tempestade.

"Cansaço," Laura murmurou, esfregando as têmporas. "A viagem, a arrumação... só pode ser." Mas uma semente de inquietação havia sido plantada.

Capítulo 2: O Olhar Inescapável

A noite seguinte trouxe uma calmaria enganosa. A chuva cessara, mas o céu permanecia carregado, e um silêncio pesado pairava sobre a propriedade. Laura tentava se concentrar, mas a imagem da noite anterior assombrava a periferia de seus pensamentos. Inevitavelmente, seus olhos foram atraídos para a janela.

E lá estava.

Desta vez, não havia espaço para dúvidas. A silhueta era nítida contra a escuridão do jardim – alta, esguia, completamente imóvel sob a mesma macieira. Não se distinguia rosto ou roupas, apenas a forma sombria e uma terrível sensação de propósito. Laura sentiu o sangue gelar nas veias. Aquilo não era uma ilusão. Alguém, ou *algo*, estava lá fora, observando a casa. Observando *ela*.

Um pânico frio a envolveu. Desceu as escadas tropeçando nos próprios pés, o som da sua respiração ofegante ecoando pela casa vazia. Trancou a porta da frente com dedos trêmulos, depois conferiu cada janela do térreo, o coração martelando contra as costelas. Voltou ao escritório como quem caminha para a forca. Uma força terrível a impelia a olhar de novo, a confirmar o horror.

A figura permanecia lá. E, para seu completo pavor, pareceu que a cabeça da silhueta se inclinara minimamente, um gesto sutil de reconhecimento. Laura não podia ver olhos, mas sentia-os cravados em si, um olhar que atravessava o vidro, a distância, e penetrava sua alma.

com uma intensidade fria e predatória. O ar faltou em seus pulmões. Estava presa naquela troca silenciosa, paralisada pelo medo.

Seus olhos começaram a arder, protestando contra a recusa em piscar. A tensão era insuportável. Finalmente, a natureza foi mais forte. Laura piscou. Um instante, um breve véu de escuridão.

Ao abrir os olhos, a figura havia sumido.

Um suspiro rouco escapou de seus lábios. Alívio? Não. O vazio onde a figura estivera era ainda mais ameaçador. O que era aquilo? E para onde fora?

Capítulo 3: O Chamado à Porta

DING-DONG.

O som estridente da campainha cortou o silêncio da casa como uma faca, fazendo Laura saltar, um grito engasgado morrendo em sua garganta. O terror, antes focado na janela, agora se manifestava na porta da frente. Quem poderia ser? Àquela hora? Naquele lugar isolado?

Seu instinto gritava para que ficasse quieta, para que não respondesse. Mas a campainha soou novamente, mais longa, mais insistente. *DING-DOOONG.*

Com as pernas como gelatina, Laura desceu. O medo era uma presença física, esmagando seu peito. Chegou à porta e, com a respiração suspensa, espiou pelo olho mágico. Nada. A varanda estava mergulhada na penumbra da noite, absolutamente vazia. A chuva fina começara a cair novamente, lustrando a madeira do piso.

"Quem... quem está aí?" sua voz saiu como um sussurro trêmulo.

Nenhuma resposta. Apenas o tamborilar suave da chuva.

Hesitou por um longo momento. Poderia ser uma brincadeira de mau gosto? Algum vizinho peculiar? Ou... ou a figura da janela teria contornado a casa? A ideia fez um arrepio percorrer sua espinha. Com uma coragem desesperada, destrancou a porta e abriu uma fresta mínima, pronta para fechá-la ao menor sinal de perigo.

Ninguém. A varanda estava deserta. Olhou para um lado, para o outro. Apenas a noite e a chuva.

Sentiu-se tola e, ao mesmo tempo, profundamente perturbada. Fechou a porta, girando todas as trancas, o alívio se misturando a uma apreensão crescente. Aquilo não fazia sentido algum.

Foi quando ouviu.

Um som baixo, vindo do andar de cima. Um arrastar lento, inconfundível, como se algo pesado, ou alguém, estivesse sendo arrastado pelo assoalho de madeira do corredor.

Gelo puro correu por suas veias. O som vinha de *dentro* da casa. Ela não estava sozinha.

Capítulo 4: A Revelação no Corredor Escuro

"Olá?" Laura chamou, a voz pouco mais que um sopro. O medo a paralisava, mas a ideia de alguém em sua casa a impeliu. Agarrou o objeto mais próximo e pesado – um castiçal de bronze sobre a mesinha do hall – e começou a subir as escadas, cada degrau rangendo sob seus pés como um aviso.

O corredor do andar de cima estava imerso na escuridão, exceto pela luz pálida e fantasmagórica que entrava pela janela no final dele – a janela do seu escritório. E parada ali, de costas para Laura, olhando para a noite lá fora, estava uma silhueta.

Mas não era a figura alta e esguia da macieira. Esta era mais baixa, os ombros curvados, e vestia algo que Laura reconheceu com um choque gelado: um de seus próprios roupões de seda.

"Quem é você? O que faz aqui?" Laura conseguiu perguntar, o castiçal erguido, embora suas mãos tremessem tanto que mal podia segurá-lo.

A figura se virou lentamente, e a pouca luz da janela revelou o rosto de uma mulher idosa. Sua pele era pálida como cera, esticada sobre os ossos do rosto, e os olhos, fundos e escuros, pareciam absorver a pouca luz ao redor. Um sorriso fino, quase imperceptível e terrivelmente perturbador, brincava em seus lábios.

"Você não deveria ter piscado, querida," a velha sibilou, a voz arrastada, seca como folhas de outono varridas pelo vento.

Laura recuou um passo. "Piscado? Do que está falando?"

"Ele não gosta quando piscam," continuou a velha, dando um passo hesitante em sua direção. Laura percebeu, com um novo arrepio de horror, que os pés da velha não pareciam tocar o chão; ela deslizava, mais do que andava. "Ele vê isso como um desafio. Ou um descuido."

"Ele? Ele quem? A figura lá fora?"

O sorriso da velha se alargou minimamente. "O Observador. Ele está sempre lá. Esperando."

"Esperando o quê?"

"Um convite," a velha disse, parando a poucos metros de Laura. "E você o convidou, querida, quando abriu a porta."

"Mas não havia ninguém!" Laura protestou, a confusão e o medo lutando por espaço em sua mente. "Eu olhei!"

"Oh, mas ele estava lá," a velha inclinou a cabeça, os olhos escuros fixos em Laura. "Sempre está. Quando a campainha toca depois que ele some... é o teste final. Abrir a porta, mesmo para o vazio, é aceitar a visita."

Capítulo 5: A Eterna Vigilância

Um ar gélido varreu o corredor, vindo da janela aberta do escritório, trazendo consigo o cheiro de terra molhada e algo mais, algo antigo e podre. Laura sentiu um impulso de se virar e correr, mas seus pés pareciam chumbados ao chão.

A velha ergueu uma mão esquelética e apontou para a janela atrás de si. "Veja."

Com o coração em suspenso, Laura desviou o olhar para a vidraça escura. E lá estava ele. O Observador. Mas agora, não era uma mera silhueta. A proximidade ou a escuridão do corredor aguçavam seus contornos. O rosto era macilento, as feições angulosas e afundadas, e os olhos... os olhos eram como dois poços de escuridão faminta, fixos nela. E ele estava sorrindo. Um sorriso lento, largo, que não alcançava os olhos e prometia uma eternidade de tormento.

"Ele está feliz por ter sido finalmente acolhido," a velha murmurou, quase com ternura. "Agora, você também vai observar, Laura. Para sempre."

Laura abriu a boca para gritar, mas nenhum som saiu. O terror a havia consumido por completo. Seus membros não obedeciam, sua mente era um turbilhão de pavor e incredulidade. O Observador na janela pareceu se aproximar ainda mais, seu sorriso se alargando, e a velha ao seu lado começou a rir, uma risada seca e crepitante que ecoava pelo corredor.

A escuridão pareceu se adensar, engolindo as bordas de sua visão, e os olhos do Observador eram tudo o que restava, duas chamas negras queimando em sua alma. Ela era parte da casa agora, parte da sua história sombria. Prisioneira da janela.

Epílogo

Um ano depois, a velha casa, com seu preço atraente e charme rústico, encontrou novos ocupantes. Um jovem casal, Mark e Sarah, cheios de planos e sonhos.

Na primeira noite de tempestade, Sarah estava em seu novo escritório, tentando escrever, quando sentiu um arrepio. Olhou para a janela e, por um instante, pareceu ver algo perto da velha macieira. Piscou. Nada.

"Deve ser o cansaço," murmurou.

Mas, ao olhar novamente, mais tarde, viu com clareza. Não uma, mas duas figuras paradas lado a lado sob a árvore. Uma alta e esguia. A outra, menor, parecia usar um roupão de seda que brilhava debilmente à luz da lua que espreitava entre as nuvens. Ambas a encaravam fixamente.

Antes que Sarah pudesse processar o horror da visão, a campainha tocou, o som agudo ecoando pela casa silenciosa.

DING-DONG.

Mark, do andar de baixo, gritou: "Querida, pode atender? Devem ser os vizinhos vindo dar as boas-vindas!"

Sarah ficou paralisada, os olhos fixos nas duas figuras que agora sorriam do jardim. A campainha tocou novamente.